

COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ NO ESTADO DE SÃO PAULO AO NÍVEL DO PRODUTOR, SEGUNDO OS CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO ⁽¹⁾

Irene J. Einhorn Goldenberg
Roxana Maria M. Topel

1 - INTRODUÇÃO

O problema da comercialização do café ao nível do produtor re veste-se de particular interesse quando se consideram a importância desse produto na formação da renda da agricultura paulista e o número de inte resses envolvidos na sua produção e comercialização. A efetivação dos ne gócios dos produtores contribuiu, em média, com 17% do valor da produção total dos 26 principais produtos agrícolas do Estado ⁽²⁾. Além disso a e ficiência de sua distribuição no mercado está na dependência de quase 70 mil produtores distribuídos por quase todo o território paulista.

O período estudado corresponde às safras 1973/74 e 1974/75, a primeira caracterizando uma situação de escassez provocada pela geada em julho de 1972, com produção de apenas 14,3 milhões de sacas, e a segunda por uma situação de safra recorde, representada por 28 milhões de sacas ⁽³⁾. Embora seja verdade que o Instituto Brasileiro do Café (IBC), via preços de garantia, altera o fluxo de comercialização segundo a magnitude das safras ⁽⁴⁾, durante o período estudado os responsáveis pela fixa ção desses preços definiram níveis relativamente constantes e próxi mos, quan do não inferiores, aos preços do café no interior. Com isto não se incen tivava a venda de café do IBC, nem se geravam repercussões sobre o fluxo de comercialização que viessem alterar os canais usuais de distribuição.

2 - OBJETIVO

Este trabalho é dedicado à comercialização do café ao nível do produtor e visa, basicamente, traçar um perfil dos canais de distribuição

⁽¹⁾ O presente trabalho integra as pesquisas desenvolvidas no Projeto IEA/10 - "Economia Cafeeira" - financiado pelo Convênio BADESP/IEA.

⁽²⁾ Estimativa baseada nas informações disponíveis até junho de 1975 para as safras 1973/74 e 1974/75 em Prognóstico 1975/76 - Secretaria da Agricultura - IEA.

⁽³⁾ ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CAFÉ - Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, Coordenadoria de Estudos de Economia Cafeeira, 1927-1977.

⁽⁴⁾ CARVALHO FQ, José Julianô de. Análise dos Instrumentos da Política Cafeeira no Brasil, 1961/71 - Estudos Econômicos, São Paulo, 3(2): 31-84, 1973.

nesta primeira fase do processo de movimentação do produto, considerando para tanto a ação dos compradores, ou seja, dos maquinistas, das cooperativas, do IBC e de outros eventuais adquirentes.

3 - MATERIAL E MÉTODO

Foram utilizados dados primários colhidos junto aos produtores de café nos vários levantamentos de estimativas e previsão de safras efetuados pelo Instituto de Economia Agrícola. Este levantamento abrangeu as dez Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) do Estado de São Paulo, com as propriedades classificadas por tamanho de área, de conformidade com 12 intervalos de classe que variam de 3,1 hectares a mais de 3.000 hectares⁽⁵⁾.

Com base na amostra estabelecida, procedeu-se em novembro à coleta de informações junto a aproximadamente 2.000 propriedades cafezeiras, nas safras 73/74 e 74/75. Nessa época a maior parte da produção já foi comercializada, e o restante ficou retido no interior para fins de consumo ou, então, estocado para entrega ao comércio em época mais oportuna. As pequenas variações observadas entre os resultados anuais devem-se ao fato de que são estimativas independentes e variam de um levantamento para outro.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do levantamento realizado junto às propriedades cafezeiras localizadas no território paulista verifica-se que a oferta média de produção por propriedade estaria por volta de 351,6 sacas de café coco. Esta média, no entanto, só foi superada nas propriedades com mais de 100 hectares. Nas propriedades menores de 100 hectares têm-se valores inferiores a 328,9 e superiores a 43,4 sacas.

Contudo, considerando o número de estabelecimentos, isto é, o resultado da distribuição segundo estrato de área, constata-se que o grupo mais numeroso é de proprietários com empresas de tamanho inferior a 100 hectares (82,9%), cuja contribuição na oferta de produção ao mercado pode vir a responder por mais da metade da produção (53,1%). Em contrapartida o grupo de produtores com propriedades maiores é de 17,1%, sendo-lhes creditada a oferta remanescente (46,9%).

Em face dessa estrutura de produção, o movimento de concentração inicial da produção para fins de comercialização encontra-se bastante dividido entre um número relativamente grande de pequenos e médios proprietários.

⁽⁵⁾ CAMPOS, H. de & Piva, L. H. de O. Dimensionamento da amostra para estimativa e previsão de safra no Estado de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 21 (3):65-88, 1974.

Analisando a regionalização da produção segundo o número de produtores no mercado verificou-se que dois terços estariam localizados nas DIRAs de São José do Rio Preto, Presidente Prudente, Marília e Ribeirão Preto e pouco menos de um terço, nas de Bauru, Campinas e Araçatuba. Sob o prisma da quantidade ofertada, o maior volume adviria das primeiras (71,1%) e o menor das demais (27,9%).

4.1 - Destino

Quanto ao destino (comércio, estocagem e consumo), até novembro os produtores só liberaram para o comércio metade de sua produção (53,0%), permanecendo estocados no interior cerca de 46,1% e para consumo nas propriedades 0,9% (quadro 1). O café estocado no interior é devido à maior capacidade física de estocagem e à capacidade financeira para espera de alguns produtores, cuja perspectiva é de obtenção de melhores preços no período seguinte.

QUADRO 1. - Destino da Colheita de Café por Região no Estado de São Paulo (Comércio, Consumo, Estocagem); Média das Safras 1973-74 e 1974-75

(sacos de café coco)

	Média até novembro, 1974 e 1975			Total
	Comercialização	Consumo na fazenda	Estocagem	
São Paulo	37.813		200.554	238.367
Vale do Paraíba	1.699	12	3.929	5.640
Sorocaba	294.373	9.279	880.591	1.184.243
Campinas	969.847	17.873	1.122.213	2.109.933
Ribeirão Preto	1.749.292	22.546	1.168.469	2.940.307
Bauru	742.821	7.786	1.085.300	1.835.907
São José do Rio Preto	4.240.400	97.826	1.846.876	6.185.102
Araçatuba	680.088	15.376	542.732	1.238.196
Presidente Prudente	3.431.986	10.001	1.735.239	5.177.226
Marília	1.271.569	39.607	3.103.520	4.414.696
Total do Estado	13.419.888	220.306	11.689.423	25.329.617

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

4.2 - Agentes Compradores

De acordo com a distribuição da produção segundo os agentes

compradores (figura 1), assumem função de destaque os maquinistas, que são comerciantes dedicados ao beneficiamento, compra e venda do café ⁽⁶⁾. Es tima-se que nos anos de 1974/75 e 1975/76 tinham sido orientados para es ses agentes cerca de 77,8% da produção colhida e comercializada no primei ro período do ano agrícola. A maior participação desta categoria no merca do deve-se às dificuldades dos produtores de investir em um bem de capi tal de custo tão elevado como máquinas de beneficiamento e rebeneficiamen to, que são equipamentos de pouco uso durante o ano.

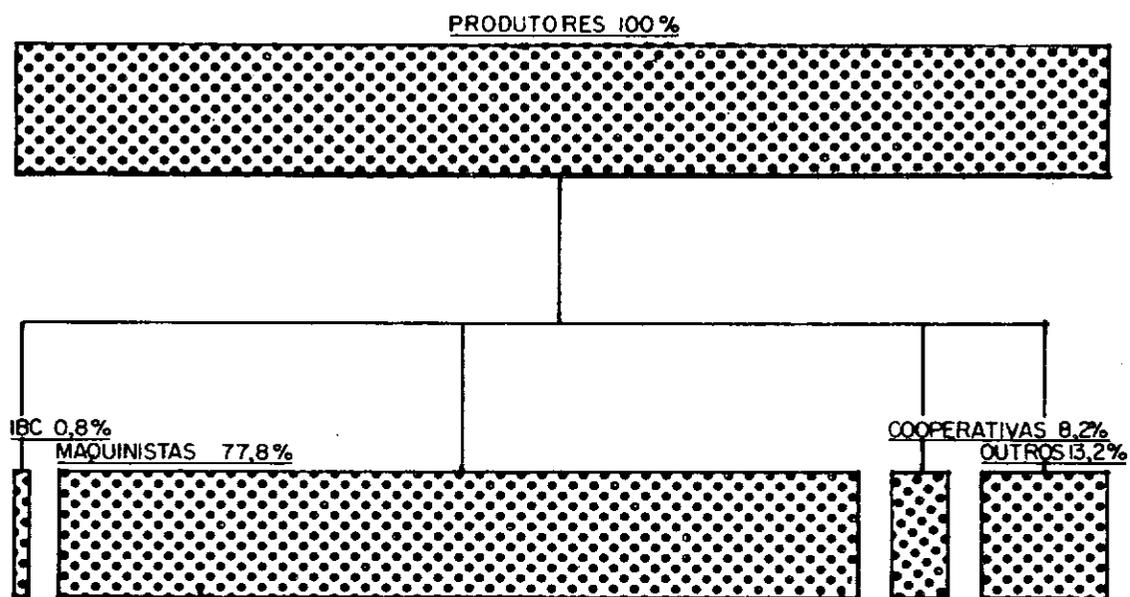


FIGURA 1. - Distribuição da Produção, Segundo os Agentes Compradores, Estado de São Paulo, 1974/75 e 1975/76

Somente nas grandes propriedades o produtor desempenha, por ve zes, a dupla função de produtor e maquinista.

Outra categoria de intermediários é representada pelos chama dos "Outros Agentes", formada por corretores e firmas de representação de grandes firmas exportadoras que compram e beneficiam o café, participando com 13,2% do volume comercializado pelos produtores.

Um terceiro intermediário seriam as cooperativas, que movimen tam ainda pequena parcela da produção destinada ao comércio, ou seja, em média 8,2% da produção paulista

Dentro de uma conjuntura em que a majoração dos preços de garan tia durante a comercialização de safra deu-se em níveis que não estimula ram a venda ao IBC, sua participação no período foi apenas de 0,8%.

(6) ALGUNS aspectos do parque de beneficiamento do café no Brasil - Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro do Café, S. D.